

IMPLICAÇÕES DA SOCIOLINGUÍSTICA COGNITIVA: ANÁLISE DE ASPECTOS DE CATEGORIZAÇÃO EM DIÁLOGOS ESPONTÂNEOS

Luana Anastácia Santos de Lima (UFPB)

luana_lima18@hotmail.com

Introdução

Há muito tempo, pesquisadores e investigadores têm percebido a importância de cada vez mais estabelecer uma relação entre o social e o estudo cognitivo das línguas.

Nesse contexto, tem surgido uma área da Linguística Cognitiva, a qual denomina-se Sociolinguística Cognitiva e que, frequentemente, tem preocupado-se com o desenvolvimento de estudos relacionados a variação linguística.

Porém, diante de todos os estudos e pesquisas que se têm nesta área, pode-se afirmar que a Sociolinguística Cognitiva constitui, ainda, uma área muito recente, recém advinda da Linguística Cognitiva e que ainda tem muito para desenvolver, apesar da significativa contribuição que vem dando a alguns trabalhos de caráter cognitivo que têm procurado abarcar o social.

Esta nova perspectiva de trabalho no âmbito cognitivo, procura abordar aspectos sociais da variação e, de acordo com alguns estudos realizados na área, é pautada em uma metodologia empírica, a qual vem deixando emergir alguns aspectos, tais como linguagem e cultura e linguagem e ideologia, por exemplo, que já foram abordados em trabalhos anteriores.

Nesse contexto, o presente artigo visa ampliar essa gama de trabalhos na perspectiva da Sociolinguística Cognitiva, de forma a analisar o processo de conceptualização de elementos linguísticos ocorridos em diálogos caracterizados por entrevistas com pesquisadores e informantes de nível social diferentes, que será analisado em um contexto comunicativo real e que sofre influência pelo contexto sócio-cultural destes informantes.

Desta forma, analisar-se-ia, a interferência do social e do cognitivo, na forma como estes conceptualizam determinados elementos da língua, isto é, a motivação sócio-cognitiva na conceptualização dessas estruturas linguísticas.

1. Algumas contribuições de questões sociais à Linguística Cognitiva.

A Linguística Cognitiva surgiu entre os anos 70 e 80, sendo institucionalizada mesmo a partir dos anos 90.

Ao definirmos essa área do conhecimento, temos que essa diz respeito à questão do conhecimento através da linguagem e com base na experiência de mundo do indivíduo; isto é, de forma geral, a Linguística Cognitiva se interessa pelo conhecimento através da linguagem e procura saber como é que essa linguagem contribui para o conhecimento de mundo do indivíduo, contribuindo assim para sua experiência humana.

Porém, não se pode esquecer que o social e a variação integraram o campo da Linguística Cognitiva desde seus primeiros passos, sendo, porém, melhor explorada posteriormente em alguns estudos que se preocuparam mais em voltar-se exclusivamente para o estudo e compreensão dessa combinação teórica do social com o cognitivista.

É, portanto, diante de estudos realizados ao longo do tempo, que percebemos que essa tendência de agregar o social ao cognitivo teve início nos primórdios com Kant, o qual, através de suas teorias dos esquemas, contribuiu para que hoje tivéssemos o que denominamos de sócio-cognitivismo e o qual caracteriza-se como uma das premissas para a construção do conhecimento.

Nessa perspectiva, de acordo com o autor Marcuschi (2007, p. 44) “tornou-se hoje comum postular que o uso social da língua tem efetivamente um papel relevante na construção do conhecimento”, principalmente pelo fato de determinados elementos sociais influenciarem nessa construção, isto é, no que chamamos, de forma geral, de cognição, e por mostrarem indícios cada vez mais evidentes da forte ligação existente entre o fator social e a cognição.

Atualmente, essa tendência vem apoiada em algumas características da abordagem cognitivista, sobretudo, ao fato de que a Linguística Cognitiva caracteriza-se como “um modelo baseado no uso” (LANGACKER, 1988 *apud* SILVA, 2008, p. 51), o que a coloca em um grupo de investigação socialmente orientado, e, por conseguinte, integra o social ao cognitivo, de forma que passa-se a considerar, nesse contexto, a cognição voltada também ao contexto social. Desta forma, entendemos a variação linguística como objeto de investigação da Linguística Cognitiva e mostrando que essa variação é proveniente da língua em uso.

Ainda, segundo Silva (2008, p. 53), por caracterizar-se, também, como um “modelo experiencialista”¹, a Linguística Cognitiva compreende dimensões da experiência humana, construídas através da linguagem, a partir da experiência individual, coletiva, social e cultural, abarcando com isso as diferenças entre culturas, grupos sociais ou até mesmo indivíduos. Essa experiência humana carrega por si só aspectos coletivos e interativos, reconhecendo assim a essência sócio-interativa da língua, bem como sua abordagem social como características integrantes do cognitivismo.

É oportuno lembrar que, nessa perspectiva, é a partir dessas experiências humanas vivenciadas por cada indivíduo, que tais falantes conceptualizam ou categorizam determinadas estruturas linguísticas.

A partir do momento que a cognição passa a levar em consideração os aspectos sociais, passa, inevitavelmente, a levar em consideração a variação inerente às línguas, pois “a variação é a consequência imediata e inevitável do uso; nunca uma comunidade lingüística é totalmente homogênea e qualquer língua é um diassistema social” e “não há maneira de evitar a variação linguística a partir do momento em que se assuma séria e plenamente um modelo baseado no uso (SILVA, 2008, p. 53-54).

Autores como Bernárdez (2005, apud. SILVA, 2006) defendem incessantemente a concepção sociocognitiva da língua, destacando as mais variadas características sociais da língua sob uma perspectiva cognitiva. O referido autor menciona que:

[...] as línguas existem somente na forma de actividade social; a actividade linguística é essencialmente colectiva, social por natureza, conseqüentemente, a linguagem é um fenómeno inerentemente histórico [...]; a actividade linguística (o uso lingüístico) determina formas e estruturas lingüísticas, umas preferidas e outras não; através de um processo de integração cognitiva, as formas produzidas e preferidas pela actividade linguística são gradualmente fixadas na mente do indivíduo, a ponto de a sua conexão original com a actividade se perder e, desse modo, se tornarem parte da cognição individual – é assim que a actividade social influencia os próprios processos cognitivos (BERNÁRDEZ, 2005 *apud* SILVA, 2006).

Muitos estudos abrangem o social através de trabalhos sobre modelos culturais, teorias populares, as quais também são conhecidas como modelos cognitivos culturais, aspectos da variação cultural, entre outros. Tais estudos desenvolvidos nesta área, contam com a contribuição de autores como Holland & Quinn (1987), Lakoff (1993), Kristiansen (2003)

¹ Vale salientar que esse aspecto do Sóciocognitivismo retoma, de certa forma, a definição que foi apresentada inicialmente acerca da Linguística Cognitiva.

entre outros mais, que trabalham na perspectiva social do cognitivismo, porém dando enfoques diferentes às suas teorias.²

Nesse contexto, surge no seio da Linguística Cognitiva, uma área a qual denominamos *Sociolinguística Cognitiva*, pautada nos preceitos da variação linguística e que procura, no entanto, integrar linhas socialmente orientadas, de forma a investigar as correlações existentes entre a variação linguística e modelos culturais, a variação linguística e a diversidade sócio-cultural, a variação linguística e ideologias e incluir as questões de política da língua (SILVA, 2008, p. 60).

De acordo com as pesquisas feitas para a realização deste trabalho, verificou-se que o estudo de variação linguística mais recorrente dentro do campo da Linguística Cognitiva diz respeito à variação lexical, devido a sua afinidade com a área da semântica lexical. Sendo assim, constata-se que este é o motivo pelo qual afirma-se que o conhecimento sobre a variação lexical constitui um modelo de base para estudos posteriores de caráter cognitivo que abrangem outras formas de variação linguística.

Para Silva (2008), a sociolinguística cognitiva apresenta várias contribuições aos estudos cognitivos, dentre as quais, o autor destaca: a perspectiva cognitiva dos fenômenos variacionais, sobretudo, a aplicação dos diversos modelos descritivos já existentes no estudo da variação linguística; a exploração da cognição social, em específico, no que diz respeito à interação dialética entre o nível individual cognitivo e o lado social das normas coletivas; e por fim, o desenvolvimento de métodos quantitativos baseados em *corpora* e de métodos de análise multivariacional da confluência de fatores conceptuais, discursivos e variacionais dos fenômenos linguísticos.

Essa incorporação do social ao cognitivo, que resulta numa análise sociolinguística do cognitivismo, exige da teoria o uso de uma metodologia empírica, a qual condiz com o modelo baseado no uso adotado pela Sociolinguística Cognitiva, fazendo uso de dados reais de uso da língua.

Corroborando essa idéia, Silva (2008, p. 56) nos assegura que “não se pode ter uma linguística baseada no uso se não se estudar o uso efetivo da língua, e o uso efetivo da língua manifesta-se em dados espontâneos e não-eliciados de um *corpus* ou em dados eliciados de inquéritos, tarefas de resolução de problemas ou outras experimentações”.

E, ainda, Silva (2008) segue afirmando que:

² Vale salientar que para mais informações sobre os referidos autores e teorias, aconselha-se consultar Silva (2008), do qual as mesmas foram retiradas.

[...] o interesse pelas diferenças sociais e culturais leva-a ao interesse pela variação linguística e o interesse pela variação sociolingüística leva-a inevitavelmente a uma metodologia baseada em dados de *corpus*. [...] o reconhecimento dos aspectos sociais da linguagem implica uma metodologia empírica de observação do uso dos dados e a forma mais natural de os encontrar é em *corpora* textuais representativos (SILVA, 2008, p. 57, grifos do autor).

Vale salientar, que nem sempre a metodologia empírica foi completamente aceita como metodologia para a Linguística Cognitiva, sofrendo, assim, muita resistência por parte de alguns teóricos, e encontrando algumas dificuldades para assumir-se, de fato, como aparato metodológico.

Porém, ao ser aceita e introduzida em um ramo de pesquisa da Linguística Cognitiva, torna-se responsável por atividades como coleta de dados através de um método quantitativo e estatístico, bem como formulação de hipóteses acerca do que está sendo investigado.

Dentro desse âmbito dos estudos cognitivos é imprescindível destacar o processo de categorização, o qual constitui uma das capacidades fundamentais que abarca processo mental de identificação, classificação e nomeação de diferentes entidades como membros de uma mesma categoria, o qual se processa na base de protótipos.

Segundo Silva (1997), “a Linguística Cognitiva diz que a categorização linguística se processa, geralmente na base de protótipos (exemplares típicos, mais representativos, ou, melhor, representações mentais destas entidades) e que, conseqüentemente, as categorias linguísticas apresentam uma estrutura prototípica (baseada em protótipos)”.

A categorização é uma das capacidades humanas que influencia na atividade sócio-contextual, além de criar expectativas na nossa relação com o meio e constituírem formas de percepção.

De acordo com os estudos realizados no âmbito da categorização³, tem-se que nossas categorias são condicionadas pela herança cultural que possuímos pelos esquemas culturais que herdamos.

A seguir, será apresentada a base da referida pesquisa – um *corpus* de língua falada, com base em diálogos entre pesquisadores e informantes, a partir das quais, analisaremos ocorrências do processo de categorização.

³ LEXICO - Categorização e Léxico: motivações cognitivas nas escolhas lingüísticas de falantes da variedade sócio-dialetal pessoense – um dos projetos desenvolvidos pelo Prof. Dr. Jan Edson Rodrigues-Leite, desde 2007.

2. Considerações sobre o *corpus* utilizado

O presente trabalho está pautado em uma metodologia de caráter empirista, baseada em dados de *corpus*, sociolinguisticamente orientada, a qual se vale de dados de fala espontânea.

Para a realização do mesmo, utilizamos uma metodologia empírica, por se tratar de um trabalho pertencente à área da Linguística Cognitiva, e como tal, utiliza um *modelo baseado no uso*, através do qual podemos verificar, de fato, o uso efetivo da língua, de forma a analisar a compreensão léxico-semântica dos informantes.

Nesse contexto, ecoando Silva (2008, p. 57), pode-se afirmar que “não se pode ter uma linguística baseada no uso se não se estudar o uso efetivo da língua”.

Serão analisados dois *corpora*, os quais constituem diálogos entre pesquisadores e informantes em pesquisas que fazem parte de exemplos ilustrativos retirados do material de Bortoni-Ricardo (2006), e que possibilitaram fazer uma análise de como as alternativas pelas quais os falantes expressam-se linguisticamente bem como a interpretação dos itens léxico-semânticos utilizados por falantes em uma dada interação, sofrem interferência do seu sistema conceptual, de forma a sofrer influência dos aspectos sócio-culturais e pelo contexto da interação nos quais os interactantes estão envolvidos.

Analisamos duas ocorrências dessas interações supracitadas nas quais nos detivemos, conforme já foi mencionado, na análise do uso real da língua desses informantes, bem como no processo de conceptualização realizados com base em seus conhecimentos de mundo que influenciam na interpretação léxico-semântica deste falante.

As interações⁴ analisadas, com base nas quais realizou-se a presente pesquisa, foram as seguintes:

Interação 1:

P: Qual o maior *desejo* da sua vida?

MO: Desejo qu'eu...

P: Que vontade, a maior influência que você tem, qual é a maior vontade de alguma coisa que você quer fazer?

MO: Ah...

⁴ Como informado anteriormente, as interações foram retiradas de Bortoni-Ricardo (2006) – Interação 1: p. 220 / Interação 2: p. 221.

P: Se você pudesse escolher uma coisa hoje, o que você escolheria?

Mo: A senhora fala de ferramenta?

P: Qualqué coisa...

P: Se a gente, se você pudesse pensar numa coisa que você quer muito, o que que é uma coisa que você deseja muito?

MO: Eu, sobri negoci de ferramenta, eu quero uma máquina

P: Uma máquina!

MO: É uma vontade na minha vida, a num sê a, u..., cuma diz, o amor do marido e dos fiu.

Interação 2:

AV: ... aí meu pai sofreu uma *constipação*, que, justamente aquela qu'ele tomô us remédio cum tudo quanto é curadô, sabe ... o médico inxaminô, falô, ó, se demora mais treis dia a inchação já tava atacano o coração, aí ele ia pifá, ia morrê, né, aí feiz operação, feiz... tirô podriguera que num foi mole.

P: Mas era intestino? Era o quê?

AV: Não, constipação mesmo, sabe?

P: ???

AV: Não constipação me parece que foi na perna, sabe... foi na perna, que ele entrevô a perna e entrevô us braço, sabe?

P: Aí feiz operação?

AV: Feiz operação, feiz massagi, né, até que...

P: Ele tirô?

AV: Tirô. E nem é bom falá, mais tirô cinco litro de pus num dia.

P: Ele estava era com inflamação mesmo!

3. Análise e discussão dos dados

Como mencionado anteriormente, a pesquisa se deu com base na análise de dois *corpora*, através dos quais procederemos a uma análise do processo de conceptualização levando em conta a dimensão social e cognitiva dos informantes / interactantes envolvidos na interação.

De acordo com os dados fornecidos pela autora Bortoni-Ricardo (2006, p. 220), na Interação 1, o diálogo da pesquisadora se dá com uma mulher de 38 anos (MO), trabalhadora rural, migrante, que chegara a cidade de Brasília no ano anterior.

A referida interação ocorreu durante o trabalho de campo na comunidade de migrantes de origem rural, girando em torno da palavra “desejo” que não é compreendida por MO no contexto colocado pela pesquisadora no desenrolar da interação. MO não conceptualizou “desejo” como algo que uma pessoa anseia, mas como qualquer coisa que você quer, como uma ferramenta, por exemplo.

Já na segunda interação (BORTONI-RICARDO, p. 221), a pesquisadora interage com um senhor de 46 anos (AV), também migrante, trabalhador rural e que reside na referida cidade desde os 34 anos.

Neste caso, a interação gira em torno da palavra “constipação” que é conceptualizada pela pesquisadora como “prisão de ventre” mas, no entanto, é colocada por AV como uma espécie de inflamação.

Em ambos os casos, o que se percebe claramente são falhas de compreensão de determinados termos empregados pelos falantes envolvidos nas interações, os quais têm background sociocultural diferentes, o que acaba influenciando diretamente nos seus esquemas interpretativos e formações discursivas.

Esta falha na interpretação dos vocábulos utilizados pelos falantes está profundamente ligada aos aspectos sócio-culturais dos informantes, sobretudo, as características sociais da comunidade de fala onde ocorreu a pesquisa, haja vista, que os indivíduos envolvidos na mesma são da zona rural, migrantes, e, conseqüentemente, possuem antecedentes socioculturais, esquemas interpretativos e formação discursiva diferentes das pesquisadoras.

A esse respeito, Leonard Bloomfield (1914 *apud* BORTONI-RICARDO, 2006, p. 93) advoga que “os padrões e a densidade da comunicação humana constituem uma variável intermediária entre o uso da língua e as características sociológicas da comunidade de fala”.

Além disso, vemos também nestes dois trechos a relação da linguagem com operações cognitivas como o processo de conceptualização, por exemplo, que influenciaram na interação comunicativa dos falantes em ambas as situações de fala, principalmente no que diz respeito a interpretação de elementos linguísticos usados pelos falantes durante qualquer evento de fala de caráter face a face.

Nesse contexto, Azevedo (2010) corrobora essa ideia ao afirmar que “para produzir ou interpretar expressões linguísticas, requer-se a utilização de habilidades psicológicas gerais do tipo de memória, atenção, percepção, bem como a realização de processos do tipo de categorização, abstração, mapeamento, projeção e integração conceptual”.

Assim, percebe-se a evidência, cada vez maior, da interrelação entre o uso da linguagem, processos cognitivos, influência do fator social e a competência comunicativa dos

interactantes. Tais fatores estão interligados, e influenciam diretamente o andamento de um determinado ato conversacional e nos conceitos estabelecidos neste ato conversacional.

Nesta perspectiva, Rodrigues-Leite (2008) afirma que “os conceitos se estabelecem à medida que os participantes se engajam em atividades coletivas e negociam os sentidos destas atividades, no curso das quais focalizam determinados objetos e constroem as conceptualizações necessárias para o significado das ações discursivas”.

Pode-se bem comprovar tal aspecto de negociação de sentido, através dos exemplos das interações 1 e 2 que nos mostraram os processos de conceptualizações dos falantes bem ligados ao social, e como consequência disso, temos a ocorrência de mau-entendidos durante a interação, mesmo com o esforço empreendido pelos falantes de negociar o sentido da expressão em jogo.

Na interação 1, o mal-entendido se faz quando a informante não consegue conceptualizar a palavra “desejo”, e constroi outro sentido diferente do empregado pela pesquisadora. A construção mental realizada pela informante é condizente com a sua realidade social e externada no ato lingüístico, em específico na interpretação deste ato. O mesmo acontece na interação 2, só que desta vez, a pesquisadora constroi um sentido totalmente diferente acerca da palavra “constipação” do contexto em que foi empregado pela informante.

Um dos itens responsáveis por tais mal-entendidos identificados em atos conversacionais são as chamadas semânticas construcionais, as quais postulam a linguagem como **operadora da conceptualização socialmente localizada**, em uma dada situação comunicativa real, e, conseqüentemente, responsável pela produção de significados como construções mentais sancionadas no fluxo interativo (SALOMÃO, 1999, p. 64).

Vale salientar que as referidas construções mentais são idealizadas a partir da experiência social de cada indivíduo com a realidade. Daí, a explicação dos mau-entendidos nas interações, pois cada indivíduo constrói cognitivamente uma realidade acerca de determinada situação, deixando operar, assim, operações mentais que são únicas de cada ser humano.

Por isso, autores como Gumperz (1998, p. 99) nos assegura que “uma elocução pode ser compreendida de várias maneiras e as pessoas decidem interpretar uma determinada elocução com base em suas definições [...]”. Definições essas que, como já foi exposto aqui, são baseadas nas vivências diárias, experiências pessoais e, sobretudo, a partir de operações mentais que se configuram como parte visível da comunicação, isto é, através das expressões lingüísticas.

Conclusão

A partir do presente trabalho, pode-se concluir que estudos relacionados à cognição, de fato, têm dado uma grande contribuição a área da Sociolinguística, sobretudo, ao que diz respeito à questão da semântica.

Neste trabalho, nos apossamos das teorias semânticas para comprovar como a construção de sentido é influenciada pelo fator social, pelo fator cognitivo, desembocando, assim, em processos de conceptualização, muitas vezes, equivocados e que têm ligação direta com os referidos fatores.

Através das análises realizadas, pode-se comprovar que o processo de conceptualização de elementos lingüísticos, sofreu fortes implicações do fator social, isto é, informantes de antecedentes socioculturais diferentes tiveram dificuldade em conceptualizar determinadas expressões lingüísticas no mesmo sentido um dos outros, o que leva, conseqüentemente, os informantes a terem dificuldades em interagir numa dada situação de comunicação em um ato conversacional.

É certo, que o presente trabalho é apenas um pequeno recorte do que essas áreas – Linguística Cognitiva e Sociolinguística abrangem, especialmente, no que diz respeito à área da semântica que muito tem crescido no seio das referidas teorias e contribuído para o crescimento das mesmas. Além disso, buscou-se apenas acrescer os trabalhos que se têm nesta área. Porém, muito se tem a pesquisar neste sentido para que possamos ter uma gama maior de trabalhos.

Referências Bibliográficas

BORTONI-RICARDO, S. M. *Nós chegemu na escola, e agora?: sociolingüística e educação*. São Paulo: Parábola, 2006.

GUMPERZ, Jonh J. *Convenções de contextualização*. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. *Sociolinguística Interacional: antropologia, lingüística e sociologia em análise do discurso*. Porto Alegre: AGE, 1998.

HOLLAND, D.; QUINN, N. (Eds.). *Cultural Models in Language and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

KRISTIANSEN, G; DIRVEN, R. (Ed.). *Cognitive Sociolinguistics*. Berlin/NewYork: Mouton de Gruyter. (No prelo).

LAKOFF, G. The brain's concepts. The role of the sensory-motor system in reason and language. *Working papers of the NTL Group at the International Computer Science Institute (ICSI)*. Berkeley: University of California, Berkeley, 2003.

MARCUSCHI, Luiz A. *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MIRANDA, Neusa Salim. Domínios conceptuais e projeções entre domínios: uma introdução ao Modelo dos Espaços Mentais. *Revista Veredas*. Juiz de Fora, v. 3, n. 1, p. 81-95, 1999.

RODRIGUES-LEITE, J. E. *Cognição e semântica: da representação formal à conceptualização*. In: Ana Cristina Pelosi Macedo; Heloisa Pedroso de Moraes Feltes; Emília maria Peixoto Farias. (Org.). *Cognição e Linguística: Explorando Territórios, Mapeamentos e Percursos*. 1 ed. Porto Alegre: EDPUCRS/EDUCS, 2008, p. 89-125.

SALOMÃO, Maria Margarida Martins. *A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos de linguagem*. *Veredas – Revista de Estudos Linguísticos*, Juiz de Fora, Universidade Federal de Juiz de Fora, v. 4, n. 1, p. 61-79, 1999.

SILVA, Augusto Soares da. *Uma breve introdução a um novo paradigma em Linguística*. In: *Revista Portuguesa de Humanidades*1. Braga: Faculdade de Filosofia da UCP, 1997.

_____. *Sociolinguística cognitiva e o estudo da convergência/divergência entre o português europeu e o português brasileiro*. *Veredas – Revista de Estudos Linguísticos*, Juiz de Fora, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2006.

_____. *Integrando a variação social e métodos quantitativos na investigação sobre linguagem e cognição: para uma sociolinguística cognitiva do português europeu e brasileiro*. *Revista Est. Ling.*, Belo Horizonte, v.16, n. 1, 2008, p. 49-81.

TENUTA, A. M. *Uma breve apresentação da Teoria dos Espaços Mentais e da Teoria da Mesclagem*. In: Arabie Bezri Hermont; Rosana Silva do Espírito Santo; Sandra Maria Silva

Cavalcante. (Org.). Linguagem e Cognição: diferentes perspectivas - de cada lugar um outro olhar. 1a ed. Belo Horizonte: PUCMINAS, 2010, p. 85-103.